

# piauí

\_edição especial



# FICHA TÉCNICA

“Este trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade do seu autor”

ORIENTADOR: **Prof. Ms. Fernando Oliveira Moraes**

CAPA: **Alexandra Caeiro**

PROJETO GRÁFICO: **Inspirado na revista Piauí, adaptado por Alexandra Caeiro**

DIAGRAMAÇÃO: **Ana Claudia de Mauro**

ILUSTRAÇÃO: **Alexandra Caeiro**

EDIÇÃO: **Ana Julia Campoy**

REDAÇÃO: **Ana Julia Campoy**

_4	<b>O CÂNCER DE MAMA E SEUS EFEITOS</b> O que é e como afeta as mulheres
_5	<b>ONG CABELEGRIA</b> É mais do que uma simples peruca
_6	<b>PROJETO BELA CÂNCER</b> A mudança vem de fora para dentro
_7	<b>PROJETO LIONESS</b> Um clique que faz mágica
_9	<b>PROJETO DE BEM COM VOCÊ</b> Ultrapassando barreiras com batom vermelho
_10	<b>PROJETO CEREJA</b> O detalhe faz a diferença
_11	<b>PROJETO DE PEITO ABERTO</b> A palavra tem poder
_13	<b>TRABALHAR A AUTOESTIMA MUDA VIDAS</b> O poder da mudança e redescoberta
_14	<b>ACOMPANHAMENTOS NECESSÁRIOS</b> O que deveria ser feito
_15	<b>A FINALIDADE DAS AÇÕES</b> A paixão pelo que fazemos transforma vidas

# UM RECOMEÇO PARA AQUELAS QUE PRECISAM DE MUDANÇAS

Os trabalhos das profissionais que utilizam de seus talentos para ajudar na autoestima das mulheres com câncer de mama



Um dos maiores desafios que uma mulher pode enfrentar na vida é o câncer de mama. Ele se apresenta de modo silencioso, muitas vezes quase passa despercebido. Esse tipo de câncer é causado pela multiplicação desordenada das células da mama. Algumas vezes esse processo pode ser mais lento e outras assustadoramente rápido.

Em 90% dos casos o nódulo é a principal indicação da doença, apresentando-se de forma pequena e indolor. Por isso, o autoexame precisa estar inserido na rotina das mulheres. A avaliação pode ser realizada apalpando os seios, conferindo se a pele da mama não está avermelhada e com aspecto de casca de laranja ou se o bico do seio apresenta irregularidades. Esses são alguns dos possíveis diagnósticos precoces que podem salvar vidas.

Quando uma mulher descobre que está com câncer de mama, mil coisas passam em sua cabeça. As informações sobre a doença e o novo universo em que ela está sendo inserida traz muitas dúvidas em relação ao futuro. Por ser uma doença ligada à morte, as realizações idealizadas para o futuro sofrem uma mudança repentina.

Cada indivíduo passa pelo tratamento de maneiras diferentes, podendo se entregar ao sentimento de fragilidade ou ir em frente, aceitando as etapas que a vida lhes impõe. Mas é necessário que cada mulher esteja ciente sobre a doença que está enfrentando e principalmente quais são os cuidados básicos para que ela possa fazer um tratamento eficiente.

Uma realidade triste no Brasil é que infelizmente o serviço de saúde de qualidade não é acessível a todos. A disponibi-

lidade de exames e consultas podem demorar meses, principalmente para mulheres que dependem do serviço de saúde pública em regiões mais carentes. O diagnóstico que deveria ser preventivo por uma questão crucial de tempo, se torna números somados de óbitos ou casos como a retirada total da mama.

Sem contar que a educação básica passadas para as mulheres sobre uma doença que pode especificamente atingi-las passa a ser totalmente falha, muitas pessoas ainda não tem conhecimento da característica básica do aparecimento do câncer, por exemplo. A população que possui pouco acesso a essas propriedades de informações fica a deriva do conhecimento sobre esse tipo de doença. A falta de noção mínima abre espaço para a ignorância e que pode custar a vida

de uma mulher se não cuidada corretamente.

No tratamento oncológico contra o avanço do câncer de mama, alguns dos efeitos podem ser tão fortes que os cabelos e sobrancelhas da paciente podem cair. No pior dos casos, a retirada da mama para a sobrevivência da paciente é necessária. A mama está diretamente ligada à feminilidade, por isso quando este procedimento de mastectomia é realizado, algumas dessas mulheres podem sofrer sérios abalos na autoestima. Parte da sua identidade lhe foi tirada, o que esta pessoa reconhecia anteriormente na frente do espelho não é mais o que está sendo refletido. É necessário uma redescoberta, seja dos seus valores, das suas conquistas e do mais importante, do seu amor para consigo mesma.



A incerteza de como será sua jornada, o medo de não ter o controle da situação e também a mudança em sua aparência, faz com que essa somatização impacte diretamente na qualidade de vida que ela terá de agora em diante. Todos esses aspectos que afetam a vida e a autoestima da mulher com câncer de mama podem ser minimizados com o auxílio de profissionais que abraçam a causa.

Ao longo de todo tratamento e também após, dado que é de extrema importância o acompanhamento e manutenção de determinados procedimentos, as profissionais que ajudam essas pessoas auxiliam para que se sintam bem consigo mesmas e que possam levar a vida de

estima-se que no ano de 2020, no Brasil, cerca de 66.280 novos casos de câncer de mama sejam descobertos. Só em 2019, foram 240 mil mulheres com câncer no país e, dentro desse número tão exorbitante, 63 mil delas passaram por problemas com sua autoestima e consequentemente, entraram em processo de depressão.

### ONG CABELEGRIA

**P**ara tentar amenizar esse número exorbitante de mulheres com baixa autoestima por conta do câncer e de seus efeitos colaterais, sendo um dos principais efeitos a queda de cabelos, a ONG Cabelegria oferece perucas para pacientes oncológicas

Robrahn, 30 anos. Com ela trabalha a costureira Andrea Franca Batista, 46 anos, mais conhecida como Déinha. As duas compõem esse time de peso para atender o Brasil inteiro na entrega de perucas. Elas trabalham arduamente, sendo Mariana na linha de frente buscando conseguir patrocinadores e Déinha na máquina de costura, sem parar um minuto sequer, para atender a demanda.

Por mês são 150 perucas confeccionadas com cabelos de verdade. São mais de duas toneladas de cabelos em estoque e em média 3 mil doações no total que chegam até de fora do Brasil. Além do mais, já foram doadas 8.324 perucas para fazer a diferença na vida dessas mulheres.

O grande problema de todo esse estoque é a precária disponibilidade de recursos. Uma costureira para toda essa quantidade de cabelo não é o suficiente para atender a demanda.

A ONG começou em 2013 quando Mylene Dias, 28 anos, amiga de Mariana, tinha uma conhecida que trabalhava na Santa Casa de São Paulo, e lá no hospital havia uma paciente que queria muito uma peruca. Vários funcionários se juntaram para cortar os cabelos e também doaram dinheiro para confeccionar essa tal peruca.

E foi aí que surgiu a ideia das duas fundadoras em arrecadar cabelos para mais tarde serem transformados em perucas para serem doadas aos hospitais. Pronto, a campanha Cabe-

legria já estava no ar. Após um mês já havia mais de mil doações de cabelos e nesse tempo as pessoas começaram a questionar sobre o destino que essas contribuições estavam tomando. No entanto, ao começar a buscar lugares que ajudassem nessa confecção, descobriram que não existia nenhum estabelecimento que fizesse esse trabalho sem ser utilizado cabelos sintéticos ou que não quisesse parte desse material como uma moeda de troca. Depois de muita busca por ajuda, encontraram uma loja no bairro da Lapa, que disponibilizou o material necessário, e, além de tudo, a costureira que trabalhava no local ofereceu a mão de obra gratuita.

Após o primeiro fruto de todo esse trabalho ficar pronto, surgiu a questão: “Para quem vamos entregar essa peruca?”, disse Mariana. Depois de muito pensar em quem seria a beneficiária, para não dar briga entre as pacientes do hospital, pois só havia uma unidade, descobriram uma história de um grupo de amigos que tinha uma conhecida que estava com câncer e acabara de passar situações desgastantes na família. Então lá foram elas entregar essa peruca para a menina que morava no interior de São Paulo. Após muitas emoções e fotos, publicaram nas redes sociais e o projeto começou a ganhar visibilidade.

A partir desse momento, o pequeno projeto virou uma ONG de muita importância social. Já participaram de vá-



um jeito mais leve, trazendo de volta grande parte do que foi perdido no meio do caminho na luta contra o câncer.

De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (INCA),

e devolve para essas mulheres uma das principais características da sua personalidade e expressão.

A Cabelegria é comandada pela sua fundadora Mariana





rios programas de TVs e colaborações com famosos, tendo inclusive a atriz Giovanna Antonelli como a madrinha oficial da ONG.

São 5 bancos de peruca ao todo, localizados no Hospital Santa Marcelina, no Instituto De Câncer Dr. Arnaldo, no Banco de Perucas Poá/SP, no Banco de Perucas Mogi das Cruzes/SP e no Banco de Perucas da Barra da Tijuca/RJ. Além destes postos, há também um banco de perucas móvel, que foi o primeiro e o único inaugurado no mundo. Trata-se de um pequeno caminhão cheio de perucas expostas em estantes no seu interior, onde as mulheres interessadas podem entrar, escolher qual peruca mais lhe agrada e levar para casa gratuitamente.

Infelizmente o peruca móvel estava parado por 2 anos por falta de patrocínio. A boa notícia é que, em março deste ano, a ONG fechou parceria com a empresa Eudora, que utilizou influenciadoras digitais para divulgar a importância da doação de cabelos para ajudar quem mais precisa dele. Foi com essa ajuda que conseguiram fazer o peruca móvel rodar por diversos estados do Brasil. Não há como manter todos os planos de crescimento sem o capital necessário para prosperar.

Em 2018 Mariana quase fechou a Cabelegria, pois como tinha abandonado seu emprego fixo para se dedicar à cau-

sa, as contas não paravam de chegar e ela se viu em uma encruzilhada.

A fundadora comenta que as pessoas não fazem doações de valores para as instituições por não confiarem no destino do dinheiro. “Se você como parte da sociedade entende que deve ajudar o próximo, busque uma ONG em que confie para ajudar”. Ela diz ainda que é muito confortável a pessoa falar que nenhuma ONG presta, mas não concorda com essa opinião “Quantas ONG’s você já conheceu pra falar isso?”, questiona.

Por uma coincidência de amigos em comum, a fundadora da ONG acabou conhecendo o dono da marca Kama-lão Color que concordou em ajudá-la. Seus produtos são voltados para os cuidados com os cabelos e neste momento de parceria, nasceu o primeiro shampoo 100% social. Todo dinheiro arrecadado com a compra deste shampoo será destinado totalmente para manter a ONG em funcionamento.

Para a fundadora da ONG, o foco agora é atender as pacientes não somente com uma peruca, mas também com acompanhamento psicológico, nutricional e jurídico. Para que todos esses recursos durante o procedimento oncológico possam trabalhar multidisciplinarmente, um tratamento efetivo que o serviço público não supre, explica. “O paciente pre-

cisa estar bem para passar pelo tratamento de uma forma boa e se curar de fato”.

O bem estar psicológico influencia muito durante o tratamento e muitos desses pacientes sofrem com problema de autoestima por conta da queda do cabelo. “No momento que a gente dá essa peruca e consegue trabalhar a autoestima nesse paciente, faz total diferença durante o tratamento”.

## PROJETO BELA CÂNCER

**É** nesse momento que o trabalho de oncoimagem que Andressa Mastrangelli, 43 anos, se mostra de extrema importância. Sua profissão é fazer com que as pacientes com câncer de mama se redescubram neste período de transição corporal e assim possa auxiliar em sua nova imagem, e como trabalhar positivamente as mudanças físicas e emocionais.

Hoje ela possui 55 pacientes na Mastologia da Unifesp. Sua consultoria é feita no tempo: 0, 1 e 2. A paciente chega virgem de tratamento de quimioterapia e faz uma ação de consultoria de imagem, que é a análise do corpo e do rosto, olfativa, comportamental, consumista e coloração pessoal. Ela vai para a quimioterapia e depois volta para fazer atendimento na coloração pessoal, estampas, metais e maquiagem. Logo depois

disso é feito um questionário para saber como ela se sente socialmente e como está o seu bem estar. Posteriormente ela retorna ao tratamento e é realizado as mesmas métricas de estudo com uma nova consultoria de imagem, pois nessa fase, a paciente não tem mais nenhum pelo no corpo.

Nesse estudo de consultoria, das 55 pacientes atendidas, 42 afirmam que o que mais modificou na sua aparência foram os cabelos, 31 declararam que se sentiram tristes quando houve a queda e 18 delas alegam que foi mais difícil do que pensavam sobre a perda capilar.

Neste momento são aplicadas dicas mais sugestivas para adaptar à paciente nesta nova fase de tratamento, como tipos de amarração de lenço e preenchimento de sobrancelhas de acordo com sua nova face em transição decorrente dos procedimentos oncológicos.

Mas o que acontece é que essas pacientes são mulheres de classe baixa, atendidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS). A grande maioria não possui muita informação sobre harmonização que possam ajudá-las a realçar a beleza, para que passem pelo seu tratamento de maneira efetiva em todos os campos de vivência social e bem-estar. Por isso a consultora de imagem Andressa criou o “Bela Câncer”.

No ano de 2014, Andressa estava iniciando sua busca por



pacientes que pudessem ajudar no seu estudo de oncoimagem na pós-graduação, quando publicou um *post* no *Facebook* procurando ajuda. Sua amiga de infância Ioná Carmona, 44 anos, entrou em contato perguntando se estava tudo bem, que por coincidência ela mesma estava passando pelo processo de tratamento contra um carcinoma, que é uma espécie de tumor maligno. Andressa aplicou seu trabalho de consultoria de imagem em Ioná, que além de receber dicas para direcionar seu olhar para contrastar seus pontos fortes, também se tornou objeto de estudo para a pesquisa que estava fazendo.

Depois de todas as etapas de tratamento, como a quimioterapia e radioterapia, perceberam que não podiam deixar este acompanhamento acabar, pois as pacientes continuam

indo ao hospital pelo menos uma vez no ano.

Neste momento as duas se juntaram e aí nasceu o projeto “Bela Câncer”, tendo Andressa como consultora de oncoimagem e Ioná, que antes já trabalhava com treinamento de vendas e palestrante, como onco coaching.

A oncoimagem trabalha as mudanças que ocorrem ao longo do tratamento, tanto físicas quanto emocionais, para que seja possível desenvolver positivamente essas modificações. Na consultoria de imagem, a técnica usada para encontrar a melhor versão da paciente é pela análise corporal que ajuda a valorizar os seus traços, coloração pessoal para saber a cor que mais realça seu tom de pele, a aromatologia que faz com que a paciente descubra que aroma a desperta

para certas emoções e combina com sua personalidade, análise do comportamento para saber com que roupa ela se sente mais confiante e o consumo consciente para que saibam comprar as roupas de forma equilibrada sem cair na *fast fashion*. Tudo isso engloba um processo para que a mulher se renove de dentro para fora, na aparência e também no comportamento.

A onco coaching trabalha para direcionar as pacientes para qual é de fato o objetivo de vida da paciente, como ela conseguirá chegar ao seu objetivo e qual será o suporte necessário para poder atingi-lo. Faz com que elas se conscientizem sobre a própria vida e como suas ações serão responsáveis pela mudança de vida. Isso faz com que essas mulheres tenham mais esperança em relação ao futuro, acreditem em si mesmas e tenham em mente suas capacidades para lidar com seus pensamentos e seguir com suas metas. “A beleza é um conjunto de como você pensa, como você sente isso dentro de você e como você age em relação a isso”.

O “Bela Câncer” tem como meta acompanhar o pós-tratamento dessas pacientes, sendo ideal a assistência de cuidados por um período de cinco a dez anos, realizado com uma equipe multidisciplinar. A divulgação dos trabalhos do “Bela” é feita por meio de materiais im-

pressos, workshops, treinamentos e conteúdos para a internet. Assim, elas acreditam que mais pessoas terão conhecimento da importância dessa colaboração com a sociedade, de um projeto que acreditam e fazem com muito carinho, para mulheres que precisam desta ajuda.

## PROJETO LIONESS

Muitas pacientes querem registrar o momento do início e do término do tratamento, marcar essa transição para lembrarem o quão guerreiras elas foram. É aí que a arquiteta Patrícia de Oliveira Amorin, 27 anos, entra para fazer a diferença ao disponibilizar ensaios fotográficos para as mulheres se olharem e se enxergarem bonitas.

Tudo começou quando Patrícia recebeu o diagnóstico de “Linfoma de Hodgkin” com 24 anos. Este tipo de câncer atinge as células do sistema linfático, que deveriam proteger contra vírus e bactérias, mas se tornam malignas contaminando todo o sistema linfático.

Apesar do medo do diagnóstico da doença, Patrícia resolveu não perder a confiança. Era uma arquiteta que acabara de iniciar sua carreira, estava tratando um câncer, mas não se deixou abater com a doença.

Ao longo de todos os processos de cura, viu sua autoestima sendo levada. Ela conta que um dos piores momentos du-





rante o tratamento foi a queda de cabelo, pois era a sua identidade. “Perder meus cabelos talvez tenha sido mais difícil do que receber o diagnóstico de câncer. Este processo mexeu muito com minha autoestima e meu psicológico. Perder o cabelo foi como perder minha

sentido, com intensidade e verdade no seu trabalho.

Esse curso que a vida de Patrícia tomou resultou na criação do projeto “Lioness”, em que ensaios fotográficos são oferecidos para mulheres com câncer. O nome do projeto foi sugerido por Fernan-

surgindo enquanto os ensaios vão sendo planejados.

Este serviço é 100% gratuito, já que as pessoas envolvidas para a realização dos ensaios oferecem dedicação de forma espontânea. Como Patrícia foi paciente oncológica, possui muitos contatos para selecionar as mulheres que vão ser fotografadas, além disso, as páginas do projeto nas plataformas digitais também ajudam a buscar novas mulheres que queiram participar. A seleção é prioritária para quem ainda está em tratamento, pois o objetivo é registrar essa passagem da melhor maneira possível, depois são as pacientes que já terminaram o tratamento, com o intuito de celebrar o encerramento desse período.

Os ensaios são realizados com três pacientes por sessão. Durante os cliques elas fazem uma troca de experiência de como foi receber o diagnóstico, o período de tratamento e o que tiraram de proveito desta fase. Nestas fotos são ressaltadas a singularidade de cada mulher, suas curvas mais lindas e a essência da beleza refletida por meio dos cliques, explicam os idealizadores do projeto. O objetivo é elevar a autoestima e celebrar a vida. “Quero poder proporcionar para essas mulheres esse reencontro pessoal através da fotografia”.

O cuidado com a aparência já é um costume na vida de inúmeras mulheres, mas as

que estão em tratamento, principalmente contra os cânceres mais agressivos, precisam ter um olhar mais direcionado e sensível. Ela conta que da noite para o dia tem-se o impacto de uma luta muito maior e esse cuidado é a última coisa que elas vão deixar de ter.

O emocional é fundamental para também ser trabalhado, mostrar a elas que mesmo apesar das adversidades, ainda permanecem lindas. Esse é o fundamento que Patrícia expõe para todas as pacientes com quem trabalha, pois quando ela ainda estava no início da descoberta do câncer, seu médico disse que cuidar do emocional é 90% do tratamento. Segundo ela, quando nos sentimos bem com nós mesmas e nos aceitamos, ficamos mais fortes para enfrentar as barreiras e levar esta fase de um jeito mais leve.

As sessões de fotos são tão importantes que a mudança na feição das mulheres já é nítida no dia que estão sendo fotografadas. O empoderamento já é visível no mesmo dia em que os cliques são registrados e isso lhes dá força para se encorajar e se sentirem poderosas.

A arquiteta relata que muitas das mulheres que participaram do projeto ligam chorando para ela e agradecendo, pois agora elas se veem com outros olhos, olhos que estavam fechados por conta do câncer.

Ao longo de todo percurso de luta contra o linfoma de

beleza, força e até mesmo a feminilidade, me sentia impotente ao me olhar no espelho”.

Depois de passar por todas as fases e encerrar este ciclo, seu noivo Fernando Esperandio, 28 anos, a incentivou para fazer um ensaio fotográfico e registrar a beleza que ela nunca tinha perdido, só tinha se modificado por um tempo.

Neste ensaio ela mudou seu olhar para consigo mesma, sua visão de vida e, o mais importante, o seu próprio reencontro com seu poder feminino e como se amar do jeitinho que era. Ela conta que foi isso que a libertou para viver a vida com

do, pois, antes da queda dos cabelos causado pelo linfoma, Patrícia tinha tanto cabelo que era apelidada carinhosamente de “leãozinho” pelo noivo. E mesmo após a perda capilar, ele afirmou que ela ainda era uma leoa, pois sua força era como tal.

Os ensaios são produzidos por dois idealizadores, Patrícia e Fernando, que também realiza toda a parte gráfica do projeto. Os dois possuem uma rede de voluntários como fotógrafos, maquiadores e locação de espaço. Esses voluntários não são fixos e exclusivos do “Lioness”, há uma rotatividade que vai







Hodgkin e também do seu projeto “Lioness”, Patrícia relata que se sente realizada ao contribuir na vida dessas pessoas, pois sua experiência mostrou o quanto importante é na vida de uma mulher ela se enxergar bonita e manter seus pensamentos para coisas boas. “Sinto que a minha missão está sendo realizada, pois vivi a experiência de estar do outro lado como paciente”.

## PROJETO DE BEM COM VOCÊ

**M**issão que o Instituto da Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC), também busca proporcionar para essas pessoas. O Instituto possui o projeto “De Bem Com Você - A Beleza Contra o Câncer”, que nasceu há mais de 25 anos nos EUA, originalmente chamado de “Look Good Feel Better” e veio para o Brasil no ano de 2012.

O projeto “De Bem Com Você” oferece oficinas de auto-maquagem para pacientes em tratamentos oncológicos conduzidas por maquiadores profissionais. Elas aprendem os 12 passos básicos da maquiagem e ainda recebem dicas de amarrações de lenços.

A gerente do Instituto, Fabiana Toresan, 44 anos, explica que todas as pessoas envolvidas para dar essas aulas são volun-

tárias. Os maquiadores passam por um curso de capacitação de duas horas, realizado por profissionais do projeto e só aí são selecionados para poder ensinar as alunas das oficinas.

As aulas acontecem nos próprios hospitais parceiros. Todo material disponibilizado é de responsabilidade do projeto. O hospital só precisa contribuir com o espaço, mesas e cadeiras, além de ficar responsável pela seleção das pacientes, pois como elas já estão em tratamento, fica mais fácil para a captação das interessadas em participar.

São em torno de três a quatro maquiadores por oficina e de 10 a 15 mulheres para aprenderem a se maquiar. O projeto está presente em nove cidades no Brasil e as pacientes só podem participar uma única vez para dar espaço para quem ainda não foi. No final da aula elas recebem um kit com um ma-

nual de maquiagem e produtos de beleza para colocarem em prática o que lhes foi ensinado, além de produtos de higiene para o autocuidado e também um lenço para amarrarem da maneira que mais gostarem.

Um ponto muito importante dessas oficinas é a interação com as outras pacientes e não somente o aprendizado de como se maquiar. Algumas podem estar no começo do tratamento, outras na metade e outras que já concluíram, e esse convívio oferece a elas a esperança de que tudo vai ficar bem no final das contas. Fabiana alega a importância dessa troca de experiência “A paciente não tem só as dicas de maquiagem nas oficinas, mas ela tem interação com outras mulheres que estão passando pela mesma coisa”.

Às vezes o que muitos chamam de supérfluo, pode fazer uma diferença inimaginável na

vida de uma pessoa. A gerente do Instituto relata que por meio da maquiagem, muitas mulheres começam enxergar detalhes que antes passavam despercebidos, e isso traz resultados positivos para a melhora na qualidade de vida e no círculo social delas. “O projeto vem para a mudança de quebra de paradigma. Por mais que estejamos no século XXI, muitas mulheres não usam maquiagem porque o marido não deixa, não usam batom vermelho por não acharem adequado e tudo isso é desassociado nas oficinas”.

As pacientes presentes ali redirecionam seus olhares que antes estavam presos apenas para a doença, mas agora aprendem a amar quem elas são. “A maquiagem se torna uma ferramenta que faz com que, por meio dela, a mulher comece a se olhar de uma outra maneira e enxergar em si coisas diferentes”.





No Brasil já foram 24 mil pacientes atendidas, 200 voluntários, 640 oficinas realizadas e 120 mil produtos doados que foram entregues em kits. Uma pesquisa global feita pelo Look Good Feel Better, entre 2018 e 2019, realizada em 16 países e com mais de 26 mil respostas coletadas sobre as oficinas, chegou-se à conclusão de que apenas 50% das entrevistadas se sentiam confiantes com sua aparência antes do programa. Após a participação do curso, subiu para 92% em nível mundial e 99% em território brasileiro. Em um total de 100% na pesquisa, as brasileiras afirmam que o programa ajudou na melhora da sua autoestima e o recomendariam para outras mulheres com câncer, sendo que 99% se sentiram apoiadas durante as oficinas.

Recentemente o projeto fez uma parceria com o Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer (GRAACC), para oferecer oficinas voltadas para as adolescentes participarem também. As dicas de maquiagem são mais adaptadas para a idade, com foco nas tendências do momento.

Além do mais, o “De Bem Com Você” visa o acesso a todas as mulheres e também abrange todas as classes. Também está presente na parte de filantropia do Hospital Sírio-Libanês. Lá eles atendem mulheres de classe baixa e vulnerabilidade social que não possuem

assistência e a partir daí buscam melhorar a qualidade de vida delas auxiliando-as por meio dos ensinamentos aplicados em aula.

## PROJETO CEREJA

**Q**ualidade de vida que a esteticista Viviane Gabriella Batista, 43 anos, devolve às suas pacientes colocando seus conhecimentos em ação. Ela trabalha com a micropigmentação de aréola em pacientes que perderam a mama.

Tudo começou quando Viviane acompanhou sua amiga Maria Luiza durante o tratamento contra o câncer de mama. Ela foi submetida a uma mastectomia total e reconstrução da mama com prótese. Porém, o que acontece neste caso é que a mama fica “lisa”, o bico do peito já não

está mais lá porque foi retirado na cirurgia. Como Viviane já trabalhava como a parte de estética, sua amiga pediu para que construísse para ela essa parte que lhe fazia falta, pois não se sentia a vontade de ir a um tatuador e mostrar sua intimidade.

Disse a sua amiga que iria pensar sobre isso, pois como nunca tinha aplicado esse tipo de procedimento, não queria que nada desse errado. Depois desse episódio em 2012, Viviane foi para um congresso nos Estados Unidos para se aperfeiçoar nas práticas do seu trabalho como esteticista, e no seu cronograma havia uma proposta de curso para ser feito depois das suas atividades no congresso sobre micropigmentação areolar. Foi neste momento que ela viu a oportunidade de aplicar essa técnica em sua

amiga que havia lhe pedido com tanto carinho.

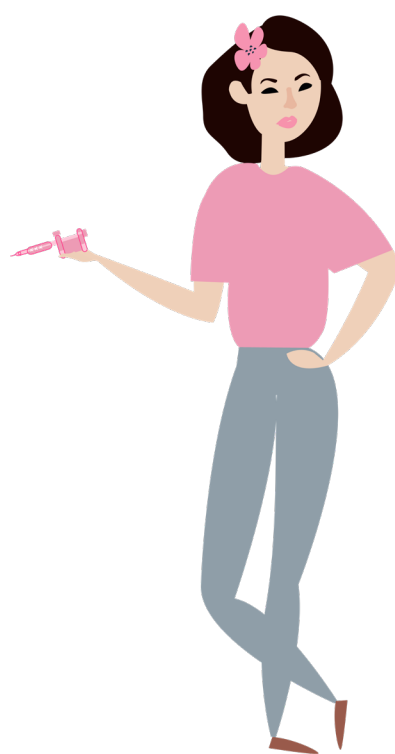
Depois de colocar seus conhecimentos em ação, ela se deu conta da importância desse serviço para a sociedade e se empenhou de corpo e alma para realizar as sessões de micropigmentação.

Após muito pesquisar onde este tipo de serviço poderia ser realizado, conheceu a responsável pelo ambulatório de Mastologia do Hospital de São Paulo. Coincidentemente o ambulatório estava procurando pessoas como a esteticista para aplicar esse tipo de procedimento nas pacientes.

Como esse método nunca tinha sido realizado em hospitais, foi desenvolvido um protocolo de como fazer este tipo de trabalho estético, visto que essa atividade passou a ser efetiva com a entrada de Viviane.

Após toda a parte burocrática, em maio de 2015 nasce o “Projeto Cereja”. Ele devolve o que a paciente perdeu na batalha contra o câncer de mama e que ela possa reconhecer novamente seu seio como parte de sua feminilidade.

Este trabalho é realizado voluntariamente pela esteticista, que dedica seu tempo atendendo as pacientes, sendo elas exclusivamente do SUS. As mulheres que chegam para ser atendidas precisam estar com o tratamento finalizado e passar por um encaminhamento médico para realizar a sessão





de micropigmentação. Depois disso são acompanhadas durante os primeiros seis meses e posteriormente a cada ano. A durabilidade da micropigmentação dura em torno de dois anos, podendo ser estendida um pouco mais dependendo dos cuidados na área.

Viviane conta que quando começou com o projeto, ela mesma estava passando por um processo para resgatar sua autoestima e viu em suas pacientes a força que ela precisava em si. “Elas muito mais me ajudaram do que eu ajudei a elas”.

O Projeto Cereja já existe há cinco anos. Nesse período de atendimento, a esteticista não recebe nenhuma ajuda de custo e ainda dispõe a usar seu próprio material de trabalho para aplicar os procedimentos nas pacientes, que pode levar de duas a quatro sessões para o resultado desejado. Fora a aplicação da pigmentação reconstruindo a aréola, ela ainda faz retoques quando necessário nos acompanhamentos.

Algumas das pacientes são atendidas no próprio consultório de Viviane também encaminhadas de outros hospitais privados que têm o conhecimento deste procedimento. Outras que são atendidas pelo SUS vão até o consultório para fazer retoques e pagar pelo serviço, pois se sentem tão gratas que insistem nessa troca.

Ao todo foram 230 mulheres atendidas pela esteticista.

Aos olhos da profissional, a importância de toda sua dedicação é ver a feminilidade devolvida para as mulheres que chegam até ela. Uma vez que elas entram pela porta, estão cabisbaixas, com vergonha de si mesmas, mas quando saem começam a se enxergar novamente como mulheres. “Juntas somos mais fortes, somos a união que faz a diferença”.

Viviane conta que o caso que mais a marcou foi quando estava aplicando o procedimento em uma paciente que teve câncer nas duas mamas em tempos distintos. A mulher estava meio relutante em fazer a micropigmentação, sem entender o porquê daquilo e Viviane continuou a fazer o serviço que lhe foi solicitado. Com o passar do tempo, enquanto as duas conversavam, a mulher conta que recebeu o segundo diagnóstico da doença quando seu filho estava no GRAACC amputando a perna por ter um tipo de câncer raro. A paciente relatou para a esteticista que não sabia se queria se sentir bonita com a reconstrução das aréolas ou se cuidava do seu filho que se encontrava naquela situação tão difícil. Depois que a paciente saiu da maca e viu seu seio, ela mudou completamente. De algum modo foi devolvido a ela o que tinha perdido há tempos, desde o diagnóstico do seu primeiro câncer, foi ali que Viviane entendeu o quanto importante era o

seu trabalho. “O Projeto Cereja é a cereja do bolo, o toque final. Naquele momento do procedimento enquanto elas contam da doença, é um fim do ciclo, um ponto final. E com isso sinto que consigo transformar vidas”.

## PROJETO DE PEITO ABERTO

**E**sse sentimento de transformação é também compartilhado pela escritora Vera Golik, 58 anos. Em 2005 a escritora e jornalista junto de seu marido Hugo Lenzi, 65 anos, elaboraram o projeto “De Peito Aberto”, que tem o intuito de levar mostras fotográficas e palestras para compartilhar experiências.

Tudo começou quando Vera estava trabalhando e recebeu uma ligação de seu irmão Peter, 48 anos, “Vera, eu estou com câncer”. Dois dias depois sua irmã Andrea, 49 anos, que mora nos Estados Unidos também liga falando que estava com a doença. Um irmão com Linfoma Não Hodgkin (LNH), um tipo de câncer que tem origem nas células do sistema linfático e sua irmã com câncer de mama, que no primeiro momento teve que retirar parte do seio e fazer radioterapia.

Naquele momento seu mundo veio abaixo com tantas notícias ruins. Estava extremamente difícil processar tantas informações ao mesmo

tempo, e menos de um mês depois quando levou sua mãe ao médico, ele a diagnosticou com câncer no útero. A doença já tinha avançado para parte do seu intestino, o que tornaria mais difícil a cura. “Fiquei literalmente chocada e sem saber como lidar com tantos familiares, meus parentes mais próximos, tendo que enfrentar o câncer ao mesmo tempo. Eu não estava doente, mas era como se estivesse”.

O choque de ter praticamente todos seus familiares com câncer ao mesmo tempo trouxe para Vera algo que mais tarde se concretizaria em um projeto para ajudar milhares de pessoas em todo o mundo.

Três anos depois dos diagnósticos, quando a mãe de Vera estava se recuperando de uma cirurgia de retirada do aparelho reprodutivo e parte do seu intestino, ela teve que dar a notícia que o seu filho havia falecido.

Ao ter que lidar com tudo o que estava acontecendo com sua família, em todas as consequências que o câncer traz, físicas ou emocionais, a jornalista usou dos seus conhecimentos para criar um projeto, junto de seu marido fotógrafo e sociólogo, que tivesse como foco principal a humanização da medicina e das relações entre familiares, amigos e parentes. Mostrando como o cuidado humanizado pode mudar o resultado do tratamento.



Em 2005 o casal começou a entrevistar e fotografar pessoas de todo o Brasil, algumas até de fora do país, com o foco no câncer de mama. Elas compartilhavam as experiências por meio de fotos, histórias de lutas e superação.

No início Vera entrevistava as personagens e depois passava para seu marido um pouco da história de cada para serem fotografadas. Mas perceberam que as sessões de fotos tinham uma atmosfera muito mais emocionante e as entrevistas eram muito mais produtivas durante esse momento. A coleta de material passou a ser mais rica e emocionante.

O projeto teve seu lançamento marcado para o dia 20 de março de 2006, que incluía a exposição fotográfica e palestra interativa no Museu da Imagem e do Som em São Paulo.

Quatro dias antes do lançamento, a mãe de Vera veio a falecer. Seu marido até questionou se gostaria de adiar, mas decidiram manter. A mãe da jornalista havia feito parte de todo o processo e de alguma maneira Vera sabia que ela estaria ali presente naquele momento tão especial não só para ela, mas para todos os presentes.

No dia do lançamento compareceram mais de 500 pessoas e ali puderam ver o impacto que o seu trabalho tinha atingido. “Soubemos ali que se iniciava um processo intenso que

não tínhamos ideia da dimensão que iria tomar”.

A exposição junto da palestra que tinha sido programada para apenas 4 capitais inicialmente, tomou tamanhas proporções que até hoje, 14 anos depois, a jornalista e o fotógrafo continuam com esse trabalho circulando por todo o país.

A dinâmica da exposição e da palestra ocorre da seguinte maneira: a descoberta, o processo, o apoio e a superação. É exibida toda a trajetória de quem teve o câncer de mama e como foi esse processo de transformação e desafio para essas mulheres. Durante o período da exposição fotográfica é feita uma ou mais palestras interativas. Nelas é apresentado o projeto, a experiência pessoal com o tema, as histórias das pacientes oncológicas e em seguida os convidados

para a palestra conversam com um público; como médicos, pacientes e pessoas que apoiam o projeto. Com entrada gratuita, as mostras e palestras tem como objetivo a conscientização do público, expondo as fases de tratamento e superação, além de levar informação dos direitos das pacientes. “É sempre um momento muito rico. Em cada lugar, apesar da programação ser basicamente a mesma, a dinâmica é sempre muito particular, única, emocionante e enriquecedora”.

O nome do projeto “De Peito Aberto” surgiu no momento em que Vera e seu marido Hugo entrevistavam e fotografavam as participantes. Durante esses momentos era uma oportunidade de as mulheres ali presentes trazerem para si mesmas todos os seus sentimentos verdadeiros que estavam guarda-

dos. O nome traz o significado do encarar de frente a situação e também sentido o visual do tema “câncer de mama”. “Se refere a encarar sem medo, enfrentar “De Peito Aberto” a situação e também nos remete diretamente ao processo nu e cru do câncer de mama”.

Em 2010, após quatro anos de projeto e viagens pelo Brasil todo, uma nova etapa se concretiza, agora se tornara o livro “De Peito Aberto”. A obra traz registros mais precisos dos relatos das entrevistadas, apresenta aos leitores um capítulo especial aos cuidadores da área da saúde e também ações que nasceram a partir do projeto; como exposições em escolas públicas e treinamentos para profissionais da saúde.

Inicialmente o livro começou a ser vendido a preço de custo nas livrarias, mas foi retirado do mercado por uma causa maior. Hoje ele está disponível no Instituto de Desenvolvimento e Valorização Humana (IDVH), para que pacientes, familiares e instituições possam adquirir gratuitamente.

O projeto como um todo, seja nas exposições, palestras e o livro, se tornou muito mais do que uma simples mostra e bate papo com o público. É sobre dar visibilidade para as inúmeras histórias, mostrar para as futuras e atuais mulheres que estão no processo de cura contra o câncer de mama, que possam se sentir acolhidas





e perceberem que podem passar por isso.

Os familiares também estão na posição de fala no projeto, pois percebem o tamanho da sua importância em cada momento e o apoio se torna algo imprescindível. Além de valorizar os trabalhos dos profissionais da saúde para que tenham sempre em mente a postura humanizada durante o tratamento da paciente.

As pessoas que vão a essas exposições são encorajadas a deixar seu testemunho em um livro de assinatura. O sentimento de gratidão é tão grande por parte delas, que após mergulhar em todo o conteúdo exposto por Vera e Hugo, algumas sentam por longos minutos e escrevem vários parágrafos de como toda aquela experiência foi gratificante e qual é a sua jornada envolvendo o tema. “No fim do período da exposição eu e Hugo sempre reservamos um tempo especial para ler tudo o que as pessoas deixaram registrado nesses livros. E eu sempre choro”.

Todo esse material acabou sendo registros tão emocionantes que em um futuro próximo será reproduzido para que as pessoas vejam o impacto que o projeto leva a essas mulheres. “Ficamos mesmo muito emocionados com o quanto o projeto tem tocado as pessoas e na diferença que tem feito na vida delas”.

A jornalista e escritora defende o direito da informação das pacientes como um primórdio em qualquer lugar que vá. Quanto mais elas estiverem munidas de conhecimento do que tem ou não direito no sistema de saúde, mais qualidade em seu tratamento elas terão, e assim, poderão realizar esse processo o mais rápido possível e vencer essa batalha.

Dentro dos milhares de casos que Vera pode conhecer, houve um em que percebeu o propósito de seu trabalho: Em uma palestra dentro da unidade específica do INCA no Rio de Janeiro, os funcionários do hospital foram chamados para participar do bate papo. As poltronas foram ficando cheias até que sobraram apenas as primeiras fileiras, onde os mais tímidos não tinham coragem de sentar. Esses lugares que sobraram foram preenchidos pelas funcionárias de limpeza, que logo se dispuseram a ouvir atentamente as palavras do diretor do hospital “Como vocês acham que eu fico, quando tenho que dizer para uma paciente que acompanho há anos, que no caso dela não tem mais jeito? Que não há mais nada a fazer? Como eu fico quando volto para casa?”. Todos ali ficaram perplexos de presenciar as palavras tão sinceras de um homem que pouco haviam escutado, pois nunca viram seu chefe se emocionar daquele jeito. Timidamente uma das mo-

ças de limpeza pede a palavra e diz, “Depois que a mulher recebe a notícia que o doutor falou, de que o caso dela não tem mais jeito, vocês acham que ela vai chorar onde?”. E continua, “É, a mulher vai para o banheiro e vem chorar aqui, no meu ombro. E eu não sou uma vasoura, sou uma pessoa. A única que está lá para dar apoio pra ela naquele hora”

Foi em meio a este relato emocionante que o casal Vera e Hugo, ambos contribuintes de maneiras extraordinárias no crescimento para a vida de todos os envolvidos nas exposições, puderem perceber a importância dessa missão que até hoje, mesmo anos depois, que todos somos importantes e temos uma história para contar. “Esse é o grande significado desse projeto. Essa é nossa missão com esse trabalho: mostrar que todos, que cada um de nós, tem muita importância, que cada vida importa”.

## TRABALHAR A AUTOESTIMA MUDA VIDAS

Essa é a essência de cada profissional que dedica seu tempo, seu talento e sua vida em detrimento de acreditar que mesmo com uma doença inserida na realidade dessas mulheres, elas podem ampará-las para passar por isso de uma maneira mais positiva. As profissionais se doam de cor-

po e alma para ajudar as mulheres com câncer de mama a atravessarem esse período turbulento com outros olhos, transformando e salvando vidas durante essa fase que traz tanto medo e insegurança.

Todas as personagens reunidas nesta reportagem possuem uma coisa em comum: A paixão pelo seu trabalho e a dedicação de um propósito de vida. Quando se está presa em tarefas diárias, ocupadas demais com a rotina monótona, muitas vezes não se percebe o que está em volta. E quando aparece uma oportunidade de abrir os olhos e ampliar seus conhecimentos para uma causa maior, elas se viram em um reencontro pessoal que antes não era possível enxergar.

A autoestima é indispensavelmente importante para quem está em tratamento. Trabalhar com as ferramentas necessárias para que as pessoas se sintam bem com elas mesmas traz um benefício tão grande, que os procedimentos e o planejamento de conquistas futuras passam a ser mais efetivos.

A fundadora da ONG “Cabelegría”, Mariana Robrahn, beneficiou e ainda beneficia milhares de mulheres Brasil afora, dando a elas de volta algo extremamente característico de uma mulher: seus cabelos. Um símbolo da beleza que é devolvido para essa paciente de maneira totalmente gratuita. Muitas ainda têm a sorte do





banco de perucas móvel estar passando perto de onde moram e facilitar mais ainda este tipo de atendimento.

Mariana partiu de uma ideia de sua amiga Mylene e depois disso investiu toda sua dedicação para ver os sorrisos estampados no rosto de cada mulher que passa em seu caminho. A satisfação de ver a ONG em pé e trazendo alegria para a vida de cada uma, faz que com que até hoje ela lute arduamente para manter esse trabalho ativo. As buscas por patrocinadores também não podem parar, porque quanto mais visibilidade a ONG alcançar, mais vidas serão transformadas.

A consultora de oncoimagem junto da onco coaching, Andressa Mastrangelli e Ioná Carmona, trazem em todas suas consultas com as pacientes a importância de estarem em um equilíbrio por dentro e por fora. Ambas trabalham para fazer com que cada uma aplique o que há de melhor em si, pois se sentir bem por fora tem a ver com se sentir bem por dentro. E assim elas vão lapidando os conceitos para que cada paciente possa ter uma mudança de vida e hábitos significativos para cuidar do corpo e da mente. Podendo ser nas melhores dicas de cores que realçam a beleza de cada uma, acessórios que combinam, maquiagens para exaltar os melhores traços e tipos de vestimenta para valorizar o biotipo e personalida-

de de cada uma; e além disso também há o processo de olhar para dentro e saber processar o que os pensamentos estão nos dizendo, entender mais os desejos e limites que cada uma possui, para assim direcionar o psicológico para uma melhor produtividade.

A arquiteta Patrícia Amorin, fundadora do projeto “Lioness”, oferece a cada ensaio fotográfico uma mudança de olhar em cada uma que se dispõe a ser fotografada. É como se fosse virada uma chave e agora essa pessoa se enxergasse de uma maneira completamente diferente antes de começar o ensaio. Ao mostrar esse novo olhar de empoderamento de cada mulher, elas se sentem mais confiantes e dispostas a encarar os desafios. E todo esse trabalho de construção de autoestima só pode ser feito para ajudar a outras mulheres pelo fato de que Patrícia vivenciou o câncer. Ela viu a diferença que o ensaio fotográfico faz na confiança de cada mulher e como isso pode ajudar de maneira significativa o modo delas se enxergarem sem ser pelos olhos da doença.

O Instituto da Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC), representado nesta matéria pela gerente do Instituto, Fabiana Toresan, disponibiliza para as pacientes dos hospitais que estão em tratamento oncológico,

a oportunidade de aprenderem a se maquiar para dar um *up* na autoestima e valorizar os traços da face. Mas muito além de oferecer kits, o Instituto oferece a elas a chance de poder conversar e interagir com outras mulheres que já passaram pela mesma etapa de tratamento e agora estão na fase final. Isso faz com que haja esperança, pois essa troca de experiência também é uma maneira de aprender a lidar com o medo e ter fé de que essa fase irá passar.

A esteticista Viviane Batista ajuda as mulheres no sentido mais profundo do que podemos dizer sobre a feminilidade. O seio tem como visão cultural o símbolo da sensualidade da mulher. O que ela faz é reconstruir a aréola da mama que antes havia sido mastectomizada e devolve para a paciente o que o câncer havia levado. O que antes era literalmente um vazio no peito, agora passa a ser uma micropigmentação perfeitamente realista e um encerramento de ciclo.

Já a jornalista e escritora Vera Golik utilizou das suas próprias experiências em família, junto de seu marido, para poder levar as pessoas um conforto que ela não teve quando passou por isso. Muito mais do que o apoio aos familiares é a libertação que eles oferecem para as mulheres que participam dos ensaios fotográficos e entrevistas. Todos esses materiais se torna um lindo resul-

tado que abrange as pacientes, os familiares e inclusive os profissionais da saúde. No começo mal imaginavam que o projeto “De Peito Aberto” pudesse contribuir de tal maneira, que até hoje, anos depois, ainda continuam expondo as fotos e levando palavras de superação por meio das palestras para aqueles que precisam de apoio.

Cada personagem e história contada aqui, tiveram contato com o câncer em suas vidas. Elas perceberam que com um pouco das suas habilidades e talento, poderiam fazer com que a realidade de muitas mulheres no Brasil pudessem ser transformadas.

Elas se dispõem todos os dias com o propósito de fazer a vida dessas mulheres melhores. Tudo isso para pegar na mão de cada uma que está passando por esse processo e fazer com que elas vejam que a vida não acabou ali. Pelo contrário, é uma oportunidade de um novo recomeço que essas profissionais estão dispostas a oferecer.

## ACOMPANHAMENTOS NECESSÁRIOS

**S**intetizando um pouco o princípio de cada uma, podemos destacar que um dos pontos defendidos é o acompanhamento multidisciplinar quando uma mulher está sendo submetida aos tratamentos contra o câncer. A autoestima é de fato extremamen-



te importante, mas não se pode resumir o autocuidado apenas à aparência.

Uma boa alimentação com a ajuda de uma nutricionista para suprir determinadas necessidades que o corpo precisa é uma prioridade básica para ser inserida na rotina dessa paciente. Além de exercícios físicos sob os cuidados de um personal trainer, que faz com que haja diferença na disposição da paciente para manter o funcionamento dos músculos e o bem-estar.

O acompanhamento psicológico é também um dos mais importantes nesse período, pois a mente é quem comanda todo o direcionamento dos pensamentos, então é preciso que a paciente esteja em equilíbrio para poder levar adiante a sua jornada de cura e redescoberta.

Além do mais, o auxílio jurídico se torna uma das necessidades mais importantes, pois irá ajudar a devolver a essa mulher uma de suas características que a doença pode ter levado, com a cirurgia de implante de prótese mamária.

A junção dessas vertentes de assistência faz com que cada paciente supra todas as necessidades que precise, mas infelizmente ainda falta muito para que esses apoios cheguem a todas mulheres. É preciso olhar para essa mulher como um todo, em todos os campos de sua vivência. Para assim dar a ela a oportunidade

de estar bem consigo mesma, tanto mentalmente quanto fisicamente.

Mesmo que cada uma das profissionais citadas tente fazer seu melhor, há papéis que o governo deveria cumprir. Ainda mais em casos específicos como no SUS, sendo que a maioria das pacientes atendidas pelas personagens aqui descritas, são encaminhadas das redes públicas.

Há sim um apoio e acompanhamento oferecido pelo país, mas ele não é eficiente para todas, como por exemplo em áreas que até hoje não há energia elétrica. Além de alguns hospitais não possuírem equipamentos necessários para realizar um simples exame de mamografia e também em alguns casos a máquina pode estar parada por falta de manutenção. E são essas as mulheres esquecidas em locais de difícil acesso que não conseguem ter seus direitos básicos atendidos.

Mesmo com essa desigualdade que sempre houve no Brasil, as mulheres precisam saber quais são seus direitos assegurados por lei para ter um tratamento eficiente e de qualidade. Além do que, os profissionais da saúde devem se conscientizar em oferecer um atendimento humanizado para as pacientes. A ética da profissão precisa estar ligada aos cuidados em relação aos anseios e angústias das pessoas que estão ali e precisam ser amparadas

neste momento tão delicado, e não tratá-las como apenas mais uma obrigação de suas tarefas.

## A FINALIDADE DAS AÇÕES

O atendimento que cada profissional oferece às mulheres que estão em tratamento contra o câncer de mama, em cada uma delas, impacta completamente em como essas pessoas irão lidar com este episódio nesta fase da vida. Não somente nesta passagem de transição mas seu modo de agir e pensar futuramente também. Pois tudo é uma questão de aprendizado e redescoberta. As mulheres que passaram pelo câncer de mama não serão as mesmas após o fim do tratamento. Assim como essas profissionais não são as mesmas depois de atender a cada pessoa que passa na vida delas e precisam de seus sentimentos e palavras de apoio.

Cada trabalho é importante para fazer com que essas pacientes oncológicas possam sair da posição de fragilidade e retomarem o controle da situação para passar por isso da melhor maneira possível e com qualidade de vida.

Embora as profissionais usem dos seus melhores materiais e equipamentos para oferecerem um atendimento de excelência, todos os trabalhos descritos aqui são disponibili-

zados de forma gratuita. Sem nenhuma exceção.

Estes auxílios que Mariana, Andressa, Ioná, Patrícia, Fabiana, Viviane e Vera aplicam nas pessoas, fazem com que a nossa crença de um mundo melhor realmente permaneça sempre acesa.

Deve-se sempre, sem pensar duas vezes, acreditar que cada contribuição fará a diferença e nunca desistir durante os desafios. Pois se algumas dessas profissionais tivessem deixado de lado a ideia de qualquer um desses projetos, o futuro de muitas pessoas poderia não ter sido tão feliz.

A dedicação e a intensidade que elas colocam em cada trabalho aplicado mostra que quando se tem um dom, e a partir dele acreditar que é possível mudar histórias, o milagre acontece na vida de todos. E essa relação é uma via de mão dupla, pois quando elas estão lá por essas mulheres, essas mulheres também estão lá por elas. Essa troca de experiências entre aquela que ajuda e aquela que recebe, faz com que ambas passem pelo aprendizado da libertação.

